

Setor privado emprega mais no DF

Saldo de setembro foi positivo, com 10,3 mil vagas a mais. Mas o Dieese alerta que o quadro ainda é crítico

Da Redação

Os últimos dados sobre o desemprego no Distrito Federal foram divulgados com fogos de artifícios pelo governo local. O nível de desemprego caiu em setembro pelo segundo mês consecutivo. A taxa, que estava em 23% da população economicamente ativa (PEA) em julho, regrediu para 21,1% em setembro. São dados bastante positivos, é verdade.

Esse índice apresentava uma curva crescente, batendo recordes históricos, desde outubro do ano passado. Mas nada disso é motivo de comemoração. Nem todos os aspectos da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) foram analisados pelo GDF com a mesma euforia.

O alerta é do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). A entidade elabora mensalmente a PED, junto com a Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), Secretaria de Trabalho do GDF (Seter) e Fundação Seade. Desde abril, entretanto, nem o

Dieese nem a Codeplan vêm participando da divulgação da pesquisa, hoje repassada para a imprensa só pela Secretaria de Comunicação do GDF.

O Dieese-DF confirma os dados divulgados pelo governo local. No mês de setembro, entre saídas e entradas do mercado de trabalho, constatou-se um saldo positivo de 10,3 mil vagas a mais no DF. Há um porém: foi o setor privado quem mais empregou. “Os programas governamentais não devem ser encarados como o grande responsável pela queda do desemprego. Além disso, o cenário no DF ainda é muito crítico”, alerta a coordenadora da pesquisa pelo Dieese, Graça Ohana.

A taxa de setembro, de 21,1%, era de 18,7% no mesmo período do ano passado. Os 161,3 mil desempregados daquela época, hoje somam 186,9 mil pessoas. Não é culpa exclusiva do governo local, claro. O nível de ocupação diminuiu do ano passado para cá em todo o país. Da mesma forma

que é impossível que seja mérito apenas do GDF a recente geração de novos postos de trabalho.

PROCURA

Em sua análise, o Dieese também chama atenção para o aumento no tempo que os desempregados levam para conseguir voltar ao mercado de trabalho. A duração média da procura era de 52 semanas (um ano) em 1998. Em setembro, no entanto, essa média era de 67 semanas (um ano, três meses e 21 dias). Mais: em setembro do ano passado, 22,2% dos desempregados estavam à caça de trabalho há mais de um ano. Em setembro deste ano, esse grupo de desocupados era de 34,4% do total de desempregados.

No DF há um elemento interessante nessa questão. Como muita gente vem de outros estados, o Dieese levanta a hipótese de que, ao ser questionado sobre há quanto tempo está procurando trabalho, o desempregado inclua nessa conta os meses que estava sem emprego no seu local de origem. Isso explica por que o

“OS PROGRAMAS GOVERNAMENTAIS NÃO DEVEM SER ENCARADOS COMO O GRANDE RESPONSÁVEL PELA QUEDA DO DESEMPREGO”

Graça Ohana, pesquisadora do Dieese

DF tem o desemprego mais longo, se comparado a outros estados. Mas não justifica o aumento no tempo de procura de um ano para o outro.

Também foi constatada uma diminuição recente na renda do trabalhador brasileiro. Em julho, o salário médio dos ocupados era de R\$ 1.002. Caiu 1,5% em relação ao mês seguinte, ficando em R\$ 987. Essa retração na renda, segundo o Dieese, pode ser explicada pela geração recente de empregos de salários baixos, com pouca qualificação — como os da frente de trabalho. Eles empurram a média de renda para baixo.

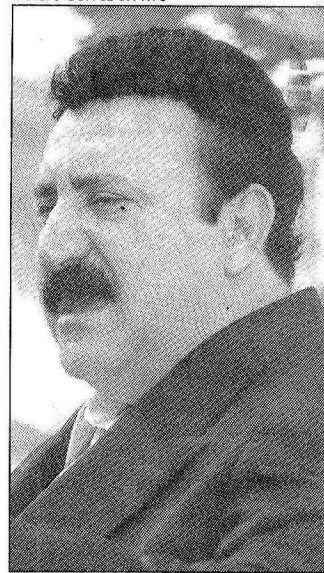
A supervisora técnica do Dieese Lilian Marques salienta que todas essas características levantadas pela entidade — desemprego mais longo, geração de empregos precários e queda da renda — têm implicações sociais e psicológicas na sociedade. “Todos preferem culpar os avanços tecnológicos pelo aumento do desemprego, sem políticas capazes de contê-lo.”

Ronaldo de Oliveira 16.8.99



Candidatos na fila de inscrição para concurso: tentativa de estabilidade em mercado recessivo

André Corrêa 6.11.98



Tartuce reconhece que a queda dos juros ajudou

GDF destaca as frentes

O secretário de Trabalho do Distrito Federal, Wigberto Tartuce, afirma que nunca informou que o GDF sozinho está conseguindo diminuir o desemprego. “Se isso aconteceu, foi má interpretação da imprensa”, diz o secretário. Em entrevista ao **Correio**, seu diretor de Planejamento e Informação, Mário Magalhães, ressaltou que o aquecimento da economia de uma forma geral nos últimos meses do ano também contribuiu para a queda da taxa. Mas a outros veículos da imprensa, integrantes do GDF têm festejado os novos números como obra do governo. Deixando transparecer para a população que as frentes de trabalho criadas estão revertendo o desespero de quem não está no mercado.

O secretário não esconde seu orgulho pelos programas. “Distribuição de cesta básica faz com que muita gente não precise procurar emprego e isso contribui para a queda”, diz. “As frentes de trabalho também ajudam muito mesmo. Além disso, estamos trazendo novas empresas para o DF e intensificando os cursos de qualificação. Se não for isso, o que é? Milagre? A nova multiplicação dos pães?” O próprio Tartuce responde: “A queda das taxas de juros e a economia do país colaboraram.”

Para o Dieese, a colaboração do governo foi limitada. A entidade enxerga a participação do GDF nos 9,7 mil empregos criados no setor de serviços. Dentre os ramos que contribuíram para esse desempenho favorável estão o de reparação e limpeza (com participação de 6,3%), o de transportes (7,4%) e alimentação (7,4%). Os técnicos do Dieese ressaltam uma grande participação das frentes de trabalho no ramo de reparação e limpeza, mas também lembram que no segmento de transporte (kombis) e de alimentação (carrocinhas de cachorro quente) há pessoas trabalhando por conta própria.

“Os ramos que cresceram refletem um pouco os postos criados pelas frentes de trabalho, mas não é tudo. Não podemos esquecer os trabalhadores por conta própria”, diz Graça Ohana. Na avaliação do Dieese, as vagas criadas pelo GDF podem ser bem percebidas entre os 2.300 postos criados entre os não estatutários no setor público. “É essa a parte expressiva do governo na queda do desemprego. Como integrantes da pesquisa, temos obrigação de fazer uma análise mais detalhada, que não vem sendo feita.”

O DRAMA EM NÚMEROS

Números de desempregados

Em julho de 94	115,8 mil pessoas
Em setembro de 98	161,3 mil pessoas
Em setembro de 99	186,9 mil pessoas

Índices de desemprego no DF nos meses de setembro

Ano	Taxa
1992	16,1%
1993	14,6%
1994	13,7%
1995	15,9%
1996	16,5%
1997	18,2%
1998	18,7%
1999	21,1%

Fonte: Codeplan/GDF, Seter/GDF, Fundação Seade/SP, Dieese

Perfil dos desempregados do DF, segundo a duração da procura por trabalho

Em julho de 1994,

19%

dos desempregados (22 mil pessoas) estavam procurando emprego há mais de um ano

Em setembro de 1998,

22,2%

dos desempregados (35.800 pessoas) estavam procurando emprego há mais de um ano

Em setembro de 1999,

34,4%

dos desempregados (64.290 pessoas) estavam procurando emprego há mais de um ano.